

**ISSN 2238-9113**

**ÁREA TEMÁTICA:**

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TRABALHO
- TECNOLOGIA

**CARACTERIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E ADESÃO AO TRATAMENTO MEDICAMENTOSO EM IDOSOS DE UM GRUPO DE CONVIVÊNCIA EM PONTA GROSSA**

**Isabele Savi Sanson Sanson (isabele.savisanson@gmail.com)**

**Leonardo Ferreira Da Natividade (lfnatividade@gmail.com)**

**Juliana Ferreira Leal (julianaf.leal@hotmail.com)**

**Fabiana Postiglioni Mansani (fpmansani@gmail.com)**

RESUMO – O uso contínuo de medicamentos é um tópico de grande importância hoje, pois a ampliação da prevalência de doenças crônicas impulsionou a utilização regular de fármacos. A orientação sobre a medicação é uma parte importante do atendimento, mas muitas vezes negligenciada, fazendo com que muitos pacientes não utilizem corretamente as drogas prescritas. Para os idosos, a atenção é redobrada quanto às orientações, pois nesta população há uma série de fatores que corroboram para que haja menor entendimento sobre a terapêutica. Este trabalho se propõe a estabelecer o quanto 35 idosos participantes do projeto de extensão São Vicente respeitam o uso da medicação prescrita. Foram identificados no estudo que 91,4% relatam sempre utilizar os fármacos no horário certo; 77,1% dizem não precisar de auxílio para tomar a medicação e 74,28% dizem saber a finalidade de cada medicamento. Dentre as patologias mais prevalentes neste grupo estão: hipertensão (78,4%), diabetes (54%), dislipidemias (48,6%) e hipotireoidismo (21,6%). Os valores referentes ao uso de medicação nesta população foram satisfatórios, mas poderiam ser melhorados com programas voltados para a educação sobre o uso de medicação, evitando o uso irracional de fármacos.

**PALAVRAS-CHAVE** – Medicamentos; Idosos; Adesão à Medicação; Conhecimento do Paciente sobre a Medicação

## **Introdução**

O uso contínuo de medicamentos é um tópico de grande importância para as ciências da saúde, pois o amplo crescimento da prevalência de doenças crônicas impulsionou drasticamente o uso regular de medicação. Dentre as causas, está o aumento do número de idosos, que são uma população bastante afetada por moléstias crônicas devido à redução da capacidade de homeostasia que ocorre no corpo humano com o passar da idade (MARTIN, 2013).

Quando um paciente recebe a prescrição de medicação, ou outra terapêutica, um detalhe – que muitas vezes é esquecido – é a orientação sobre a utilização do fármaco que deve ser passada ao usuário do serviço de saúde. Não apenas sobre como utilizar, mas

também as razões para tal, período de uso, dose e possíveis efeitos colaterais são informações cruciais e definem se o paciente vai ou não aderir ao tratamento (OENNING, 2011). Ao passar a orientação, os profissionais de saúde devem ter em mente o grau de independência e de autocuidado que o paciente possui (GIMENES, 2006). Em muitos casos é necessário dedicar maior tempo para explanação, observando se há de fato entendimento. Em outras situações é necessário instruir também familiares e cuidadores, para que haja garantia de que a terapêutica será seguida.

A função de explicar sobre a medicação é dividida entre os profissionais de saúde. O médico ou dentista deve fazer uma orientação ao prescrever, que deve ser repassada pelo farmacêutico ao dispensar o fármaco. (OENNING, 2011). Profissionais de enfermagem também devem abordar a medicação quando fazem atendimento e a administração das drogas, e são ainda mais importantes dentro do ambiente hospitalar, pelo contato próximo com o paciente.

A falta de informação ou de compreensão sobre a terapêutica pode causar uma série de adversidades como: falta de adesão, atraso no uso, aumento de efeitos adversos e aumento da automedicação. Todas estas consequências trazem prejuízo à saúde do paciente de uma forma ou outra (OENNING, 2011).

Apesar das recomendações e evidências da importância da orientação sobre os medicamentos aos pacientes, múltiplos estudos internacionais apontam que até 60% dos pacientes com medicamento prescrito não cumprem a orientação médica, muitos interrompendo o tratamento ao se sentirem melhores (SILVA, 2000).

Segundo um trabalho realizado em Grão Pará-SC com 111 pacientes de uma UBS – Unidade Básica de Saúde após a prescrição e dispensação de medicação, mais da metade dos entrevistados relataram ter recebido orientações sobre o uso da medicação prescrita. Entretanto, após a consulta apenas 28,5% tiveram um conhecimento sobre o fármaco considerado bom, 17,1% regular e 64,4% insuficiente. Após a dispensação os valores foram de respectivamente: 4,9%, 87,8% e 7,3% (OENNING, 2011). Outro estudo, realizado em um hospital universitário de Porto Alegre-RS, com 264 pacientes com idade média de 57 anos, demonstrou que apenas 34% tiveram um nível de conhecimento considerado bom, 57% regular e 9% insuficiente sobre a medicação prescrita e seu uso (SILVA, 2000). Os dois estudos demonstram que há grande prevalência de falta de conhecimento sobre a medicação pelo usuário dos serviços de saúde.

Quando o paciente em questão é idoso, é necessário ainda ter uma atenção especial por uma série de razões: eles possuem mais morbidades e, portanto utilizam mais medicações

que os adultos, por muitos deles terem redução da capacidade mental, por muitos estarem em situação econômica precária e por terem mais frequentemente reações adversas aos fármacos (FLORES, 2005). Um estudo ocorrido em Bambuí-MG que abordou 919 idosos hipertensos identificou que 23,4% não sabia ter a doença e 37,1% não estavam em tratamento (FIRMO, 2004). Seja pelo não entendimento da informação passada pelos profissionais de saúde ou pela ausência de diagnóstico, o resultado é pouco animador. Um paciente que não entende seu problema de saúde tem poucas chances de seguir a terapêutica recomendada. Portanto o trabalho reitera o fato dos idosos serem uma população de risco em termos de saúde.

Dada a importância sobre o conhecimento do uso de medicação em idosos e pela pouca bibliografia encontrada na área, especialmente para a cidade de Ponta Grossa-PR, os autores decidiram abordar este tema no presente trabalho para identificar o quanto os idosos de um grupo de convivência sabem sobre os medicamentos que utilizam.

## **Objetivos**

Objetivou-se verificar a adesão dos idosos entrevistados ao tratamento medicamentoso, se necessitam de auxílio para sua administração e se conhecem a finalidade de cada medicamento.

## **Referencial teórico-metodológico**

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem quantitativa, foi realizado com idosos participantes de um grupo de convivência de Ponta Grossa-PR. As coletas foram realizadas durante o segundo semestre de 2014, pelos participantes do projeto de extensão e pesquisa “São Vicente: para uma melhor qualidade de vida” por meio de entrevista semi-estruturada contendo variáveis sociodemográficas e clínicas. Como critério de exclusão estão os questionários sem informações sobre as questões estudadas. O inquérito utilizado como instrumento da pesquisa também abordou questões sobre a assiduidade da ingestão dos medicamentos, conhecimento quanto a finalidade de cada fármaco e necessidade de auxílio para seguir com o tratamento. Participaram do estudo 37 idosos com idade entre 60 e 88 anos (média de 73 anos), sendo 35 mulheres. Foram excluídos desta pesquisa 02 pessoas, 1 homem e uma mulher, permanecendo o total de 35 idosos, 34 do sexo feminino e apenas 1 masculino.

## **Resultados**

A mente em bom estado é o desejo de todo ser humano e há muito tempo pesquisadores vêm se preocupando com as propriedades cognitivas relativas à população idosa. A falha para lembrar dos medicamentos tomados é um fato comum na população em geral, sendo ainda mais acentuado quando se trata de idosos. FITTEN (1995) ainda cita que há redução das propriedades cognitivas do paciente com mais idade, resultando em dificuldade para o entendimento e para lembrar dos regimes terapêuticos. O autor ainda propõe que a memorização do paciente seja avaliada antes de serem prescritos os regimes terapêuticos. Contraditoriamente no presente estudo, 32 (91,4%) idosos relataram respeitar sempre o horário da medicação, um valor bastante alto.

Quanto a necessidade de auxílio para fazer uso da medicação prescrita, 27 participantes (77,1%) relatam não necessitar de ajuda, revelando que os idosos pesquisados detêm controle e segurança para administrar os seus medicamentos. Tal resultado sugere que pela vivência, já há um certo costume com a rotina do tratamento farmacológico frente às doenças que apresentam.

Quando questionados em relação ao entendimento da finalidade da medicação, 26 (74,28%) afirmam ter este conhecimento. Embora tal valor seja bastante positivo, ainda seria necessário saber se o entendimento está correto e como o paciente aprendeu a função dos fármacos, com o prescritor, com o farmacêutico ou por outra via. O estudo qualitativo de ASTIER PEÑA (1995), por exemplo, demonstra que os participantes recorriam a busca de informações junto às bulas dos medicamentos, pois acreditavam que os médicos não estavam preocupados com eles. Apesar da leitura, os pacientes estavam sujeitos a interpretar às informações de formas diferentes, por vezes até mesmo os levando a interromper o tratamento sem consultar o prescritor.

Analisando as patologias referidas pelos idosos do estudo, as de maior prevalência foram: hipertensão arterial sistêmica acometendo 78,4% dos participantes, diabetes 54%, dislipidemias 48,6% e hipotireoidismo 21,6%. Pode-se observar que estas quatro doenças possuem tratamento medicamentoso cujo uso incorreto pode acarretar em graves problemas ao paciente. O caso da diabetes é o de mais fácil exemplificação, pois muitos dos fármacos podem causar hipoglicemia se utilizados demasiadamente ou em horas inapropriadas. Já o não uso pode trazer as complicações da diabetes, como neuropatia periférica, por exemplo. Assim é fácil visualizar a importância do uso correto destas medicações.

### **Considerações Finais**

O uso de medicamentos entre os idosos assume, cada vez mais, inegável importância como estratégia terapêutica para compensar as alterações sofridas com o processo de envelhecimento ou visando controlar doenças crônicas, bastante frequentes na terceira idade. Infelizmente, por vezes o idoso tem dificuldades para o entendimento do processo saúde-doença e do uso da medicação. Consequentemente o uso incorreto e irracional da medicação tende a aumentar com a idade da população estudada.

O desenvolvimento de programas de educação sobre o uso de medicamentos, seja na farmácia, no posto de saúde, nas clínicas e nos hospitais ou na residência do idoso é de extrema relevância e deve incluir tanto o usuário do serviço, quanto seus familiares e o profissional da saúde. Pois tornar a terapia instituída mais eficiente e eficaz é tarefa de todos os profissionais da saúde (médicos, farmacêuticos e enfermeiros), além de ser um processo que requer participação ativa do paciente.

O profissional de saúde do presente deve entender a nova demanda da população idosa perante uma farmacoterapia dinâmica e complexa e dedicar parte importante de sua consulta para a explanação do uso da medicação que eventualmente prescreva.

Em suma, o acompanhamento farmacoterapêutico do paciente idoso é uma etapa fundamental para a promoção do uso racional de medicamentos, que cada vez mais requer uma participação multiprofissional dos trabalhadores da saúde.

## Referências

FIRMO, Josélia O. A. et al. **Projeto Bambuí: fatores associados ao conhecimento da condição de hipertenso entre idosos**. Cadernos de Saúde Pública, v. 20, Rio de Janeiro: 2004.

FLORES, Liziane M; MENGUE, Sotero S. **Uso de medicamentos por idosos em região sul do Brasil**. Revista Saúde Pública. v. 39, 2005.

GIMENES, Heloisa T. et al. **O conhecimento do paciente diabético tipo 2 acerca dos antidiabéticos orais**. Ciência, Cuidado e Saúde. v. 5. Maringá: 2006.

MARTIN, George M. **Biologia do Envelhecimento**. In: LONGO, Dan L; et al. Medicina Interna de Harrison. 18ª ed. Porto Alegre: AMGH, p. 774-776. 2013.

OENNING, Diony. **Conhecimento dos paciente sobre os medicamentos prescritos após consulta médica e dispensação**. Ciência e saúde coletiva. v. 16, 2011.

SILVA, Tatiane. et al. **Nível de informação a respeito dos medicamentos prescritos a pacientes ambulatoriais de hospital universitário.** Cadernos de saúde Pública, v. 16, Rio de Janeiro: 2000.

TEIXEIRA, Jorge. *et al.* **A prescrição medicamentosa sob a ótica do paciente idosos.** Revista de Saúde Pública, 35(2): 207-213: 2001.